

MAURÍCIO WALDMAN

**RESÍDUOS SÓLIDOS
& JUSTIÇA AMBIENTAL**



EDITORA KOTEV
SÉRIE RESÍDUOS SÓLIDOS 16

RESÍDUOS SÓLIDOS & JUSTIÇA AMBIENTAL ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Mesmo historicamente recente, o debate atinente ao racismo ambiental desfruta de audiência crescente, incorporando largo espectro de recortes temáticos.

Referindo-se a uma leitura do preconceito racial ainda pouco conhecida por parte do grande público, a conceituação interconecta a segregação racial com o temário do meio ambiente.

Neste prisma, a concepção aviva uma radiografia mais atenta das problemáticas que em termos das relações culturais e inter-raciais, teimam em impregnar o edifício social das nações, e nesta derivação, da formação social brasileira.

Outra nota pertinente é o horizonte pautado pelas lutas contrárias ao racismo ambiental, que se inscrevem na pauta geral da justiça ambiental ou ecologismo dos pobres, que perfaz a vertente social do ecologismo.

Para Joan Martínez Alier, respeitado pesquisador catalão, o movimento de ecojustiça nasceu:

“de conflitos ambientais em nível local, regional, nacional e global causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social. Os exemplos são os conflitos pelo uso da água, pelo acesso às florestas, a respeito das cargas de contaminação e o comércio ecológico desigual, questões estudadas pela ecologia política” (ALIER, 2007: 39).

Nesta ótica, diversamente do preservacionismo e das linhas inspiradas na ecoeficiência, a ecojustiça está compromissada com as demandas de grupos desigualmente integrados no sistema social quanto à qualidade de vida, acesso aos bens naturais e garantia de um entorno ambientalmente saudável para o usufruto das comunidades.

Nesta visada, visto ser impossível ignorar que a degradação ambiental afeta a sociedade de modo não apenas desigual, mas também acatando linhas de diferenciação racial, o conceito de racismo ambiental, nos termos da concretude social, evoca evidente conexão com a noção de ecojustiça (Figura 1).

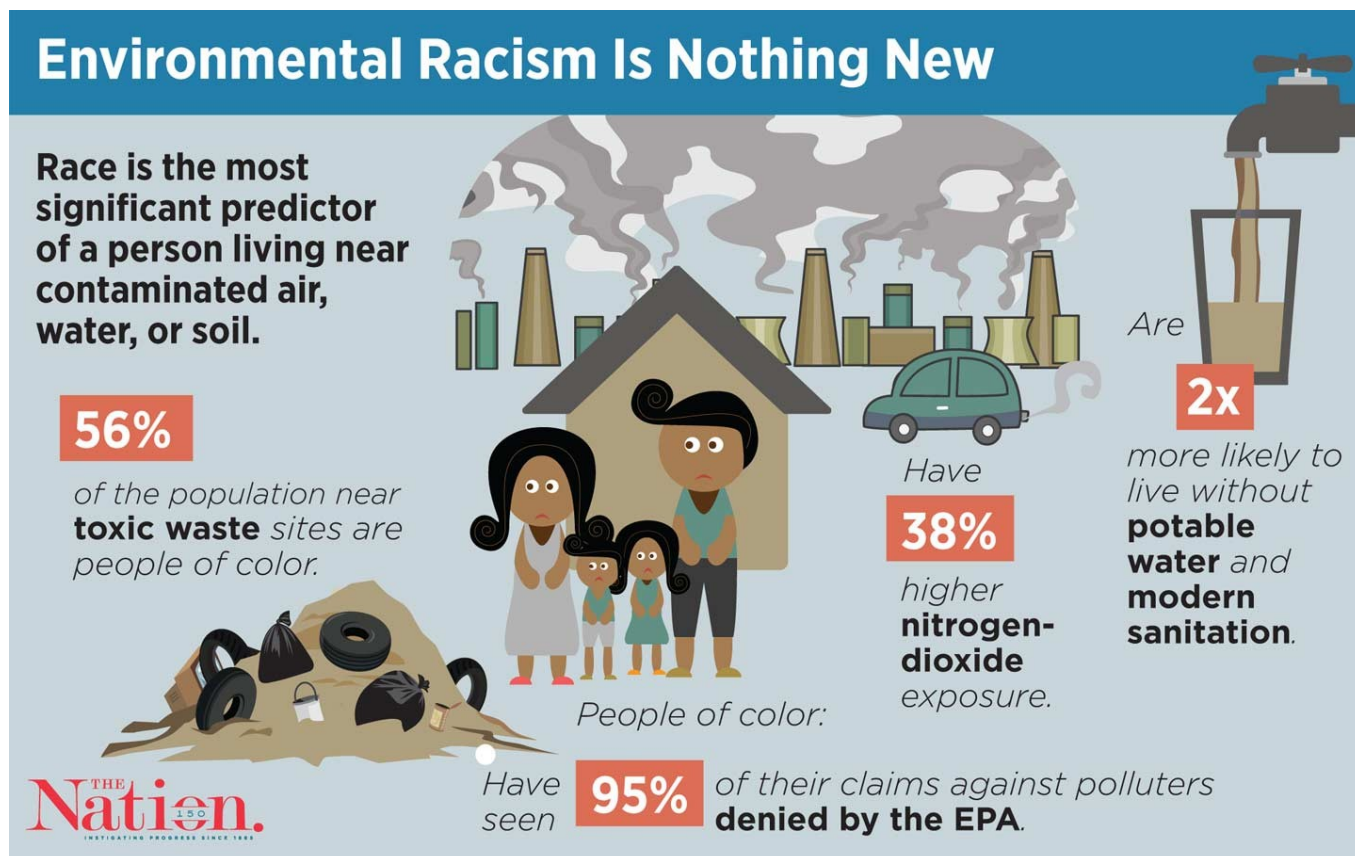


FIGURA 1 - “Racismo ambiental não é nada novo”, alerta a ilustração da revista norte-americana *The Nation*, salientando a maior exposição dos afrodescendentes dos EUA aos efeitos dos impactos ambientais no ar, solo e água (Fonte: < www.thenation.com/article/race-best-predicts-whether-you-live-near-pollution/ >. Acesso: 09-07-2018).

Deste modo, explica-se que muitas reivindicações em prol do equilíbrio ecológico tenham se corporificado em grupos de cidadãos excluídos do estilo de vida dominante. Não por acaso, o movimento de justiça ambiental ganhou corpo nos anos 1970 no fragor das lutas pelos direitos civis da comunidade afro-estadunidense, tendo à frente a icônica liderança de Martin Luther King.

Sublinhe-se que a visita de King em Abril de 1968 à cidade de Memphis (Tennessee), ocasião em que foi morto por supremacistas brancos, tinha por meta obter melhores condições de trabalho para os lixeiros negros da cidade, cuja saúde era exposta a sérios perigos (Figura 2).

Aliás, este não foi de forma alguma um episódio isolado. Colaboradores de primeira hora de Luther King estiveram entre as centenas de pessoas levadas para a prisão no célebre conflito que iniciou o movimento de justiça ambiental, ocorrido em 1982 no pauperizado Condado de Warren, na Carolina do Norte (EUA).



FIGURA 2 - Lixeiro negro protestando em Memphis: “Eu sou um homem”, certifica o cartaz. (Fonte: < <http://www.waste360.com/safety/industry-members-honor-memphis-tenn-sanitation-workers-moment-silence> >. Acesso: 25-07-2018).

Neste sítio, as autoridades decidiram criar um aterro para descarte de Policlorobifenilos (PCB), um Poluente Orgânico Persistente (POP) extremamente perigoso para a saúde humana e ao meio ambiente. Planejava-se descartar a carga de 6.000 caminhões lotados de solo contaminado com PCBs tóxicos.

Revoltados com a decisão, praticamente todos os 16.000 habitantes do condado, 60% dos quais afrodescendentes, reagiram em repúdio à intenção dos gestores em instituir área de desova que acarretaria um *locally undesirable land-use*. Isto é: uso localmente indesejável do solo.

Seis semanas de marchas e protestos de rua se seguiram (Figura 3). O condado se tornou foco de clamor nacional, com mais de 500 pessoas detidas, as primeiras prisões na história dos Estados Unidos motivadas por conflitos quanto à instalação de uma área de confinamento final de resíduos.

Os protestos de Warren popularizaram a expressão NIMBY, acrônimo de *Not In My BackYard*: literalmente “Não no Meu Quintal”, que se tornou uma palavra de ordem representativa de vigoroso movimento pacífico de massas, apoiado por segmentos de opinião em todos os EUA.



FIGURA 3 - Instantâneo de uma das inúmeras passeatas que em Setembro de 1982, sacudiram o Condado de Warren, conquistando repercussão regional e nacional (Fonte <: <http://www.opalpdx.org/movement-history/> >. Acesso: 25-07-2018).

A partir de Warren, difundiu-se nos EUA a conscientização de que as situações de risco ambiental se conectam com disparidades étnicas e sociais, escancaradas em centenas de áreas afetadas por agravos ambientais de todos os tipos, abalroando em especial, grupos e etnias sociologicamente minoritárias.

Todavia, lições das mobilizações contrárias ao despejo social e ambientalmente incorreto do lixo seriam úteis a muitos outros países, inclusive o Brasil. Neste senso, ressaltamos:

1. A inaceitável postura que ainda pesa, por exemplo, contra os catadores. Não há dúvida alguma, trata-se de uma força de trabalho vital para a economia urbana.

Porém, uma pregação constante, por vezes apaixonada, coberta de objeções éticas e morais, eventualmente apelando para um receituário com óbvias conotações racistas, pode ser notada em diversas narrativas preconceituosas.

Eles perturbariam o trânsito (embora as ruas dos colégios particulares sejam um estorvo para bairros inteiros) e seriam pouco asseados (ainda que retirem o lixo dos outros das ruas).

Para piorar, num país com largo histórico de opressão racial, seriam negros, mestiços e assemelhados. Daí que a justiça ambiental se torna recorte importante para avaliar os óbices que estigmatizam esta e muitas outras categorias que trabalham com resíduos.

2. O mote *Não no meu Quintal!* permitiria duas leituras: a primeira, a de que não temos obrigação de dar conta do lixo dos outros; a segunda, por consequência, a de que é nossa obrigação cuidar do nosso próprio lixo.

Assim sendo, trabalhar para que nosso quintal seja mais limpo, é uma forma de ajudar o ambiente e a sociedade.

Daí que se impõe uma pauta propositiva pela qual segregar a fração seca do lixo, repassando-os aos catadores e compostar os rejeitos culinários domésticos, são atitudes inscritas na ordem do dia!

Atentemos que as injustiças ambientais, mais do que necessitando de narrativas bem articuladas, reclamam práticas reais.

Comecemos então ainda hoje mesmo, a cuidar do nosso lixo!

BIBLIOGRAFIA

ALIER, Juan Martínez. *O Ecologismo dos Pobres - Conflitos Ambientais e Linguagens de Valoração*. Tradução do castelhano por Maurício Waldman. 1ª edição. São Paulo (SP): Editora Contexto. 2007;

RATHJE, Willian et MURPHY, Cullen. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. Tucson (Arizona, EUA): The University of Arizona Press. 2001;

WALDMAN, Maurício. *Racismo Ambiental: Imaginário Espacial e Conflitos Socioambientais*. Série Meio Ambiente Nº. 17. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em Formato PDF: < http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_17.pdf >. Acesso: 12-02-2019. 2018a;

_____. *Justiça Ambiental: Atualidade e Incompletudes do Pensamento de Joan Martínez Alier*. Série Meio Ambiente, Nº. 15. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em Formato PDF: < http://mw.pro.br/mw/meio_ambiente_15.pdf >. Acesso: 12-02-2019. 2018b;

_____. *Reciclagem, Preservação Ambiental e o Papel dos Catadores no Brasil*. Anais do VI Simpósio Internacional de Qualidade Ambiental - Na Busca da Sustentabilidade. Porto Alegre (RS): ABES, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental - Seção Rio Grande do Sul, 2008. Texto incorporado pela Editora Kotev na Série Resíduos Sólidos Nº. 7. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto disponível *on line* em Formato PDF: < http://mw.pro.br/mw/residuos_solidos_07.pdf >. Acesso: 12-02-2019. 2018c;

_____. *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens Básicas para Entender os Resíduos Sólidos*. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2010;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, nº. 6. São Paulo (SP): Editora SENAC. 2006;

_____. *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil*. Coleção Caminhos da Geografia. São Paulo (SP): Editora Contexto. 1992.

1 **Resíduos Sólidos & Justiça Ambiental** é um artigo digital motivacional na área dos resíduos sólidos disponibilizado na Home Page Compostcheira em 6 de Agosto de 2018 no link: < <http://compostcheira.eco.br/residuos-solidos-e-justica-ambiental/> >. A presente edição de **Resíduos Sólidos & Justiça Ambiental**, foi masterizada pela **Editora Kotev** para fins de acesso livre na Internet (2019, Kotev ©), atendendo às regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A formatação do material, contou com a Assistência de Editoração e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Os dados de **Resíduos Sólidos & Justiça Ambiental** podem ser reproduzidos para finalidades educativas, de pesquisa e comunicacionais desde que mencionadas a fonte e a autoria. É vedada a reprodução comercial deste material e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Resíduos Sólidos & Justiça Ambiental** deve incorporar referências bibliográficas em conformidade com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Resíduos Sólidos & Justiça Ambiental*. Artigo digital disponibilizado na Home-Page de Compostcheira aos 06-08-2018. Série Resíduos Sólidos Nº. 16. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2019.

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1980 e 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em várias entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Dois dos três pós doutorados desenvolvidos por Maurício Waldman (UNICAMP e PNPd-CAPES), tiveram por tema precípua a gestão dos resíduos sólidos. Waldman é um dos nomes de destaque no conhecimento sistematizado sobre lixo no Brasil. Autor de 18 livros, 22 *ebooks* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman lançou, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Como coautor, assinou em parceria obras como *Meio Ambiente e Missão: A Responsabilidade Ecológica das Igrejas* (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 2003), *Guia Ecológico Doméstico* (Editora Contexto, 2000), *A Eco-92 e a Necessidade de um Novo Projeto* (Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de Fortaleza, 1992) e *Oito Críticas Ecológicas à Conversão da Dívida* (Coedição CEDI e Editora

Global, 1991). Traduziu duas obras de peso: *El Ecologismo de los Pobres - Conflictos Ambientales y Lenguajes de Valoración* (de Joan Martínez Alier) e com a colaboração da filósofa Bia Costa, *Fifty Major Philosophers* (de Diané Collinson). Ademais, Waldman é autor *Recursos Hídricos, Resíduos Sólidos e Matriz Energética: Notas conceituais, metodológicas e gestão ambiental* (Capítulo de Livro, UFRGS, 2016) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens Básicas para Entender os Resíduos Sólidos* (Cortez Editora, 2010), obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 no quesito melhor livro de Ciências Naturais e texto de referência nos estudos nacionais sobre resíduos sólidos, trabalho desenvolvido no transcorrer da pesquisa de Pós Doutorado do autor na UNICAMP. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP (1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). **Mais Informação:**

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

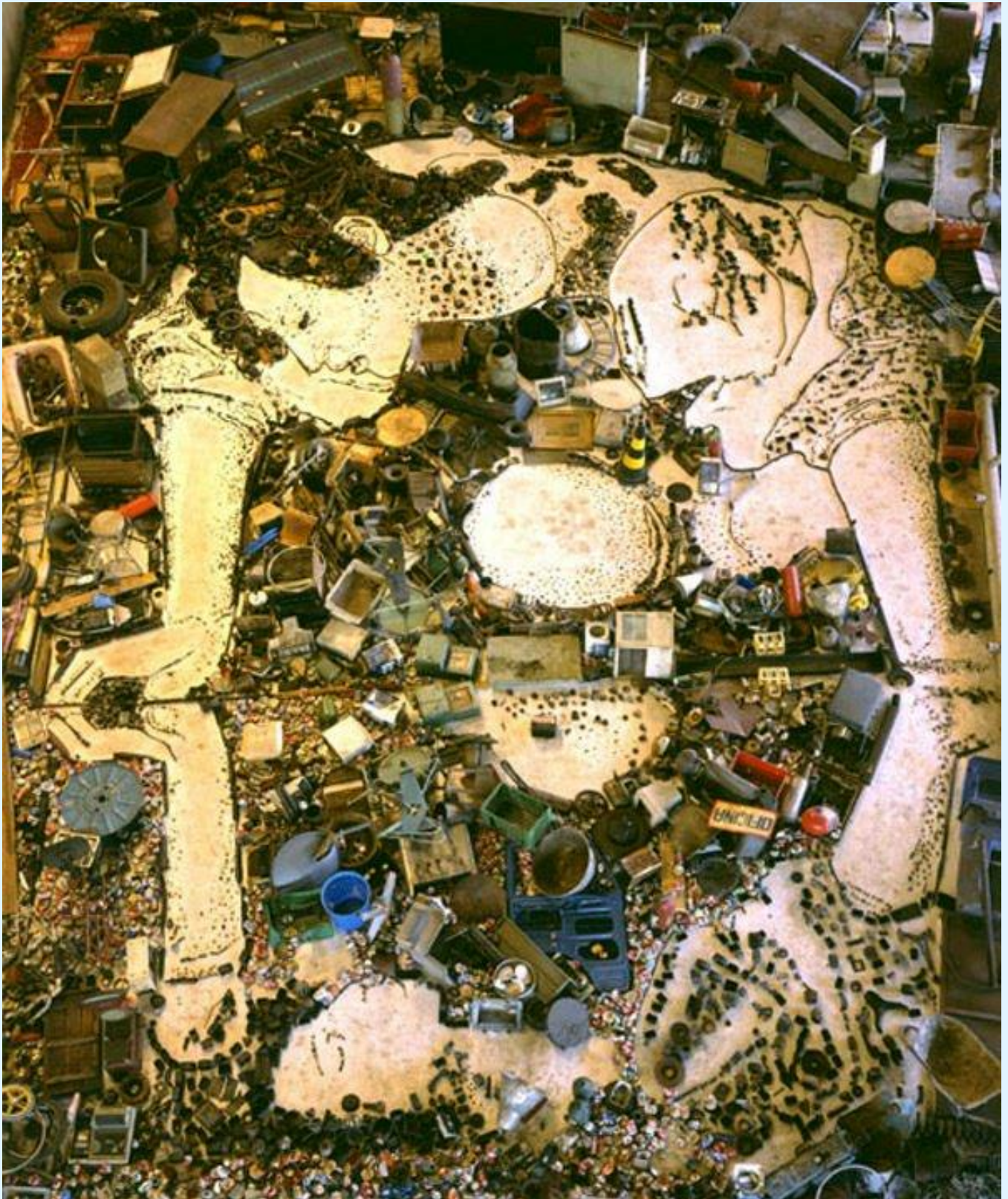
Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Biografia Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

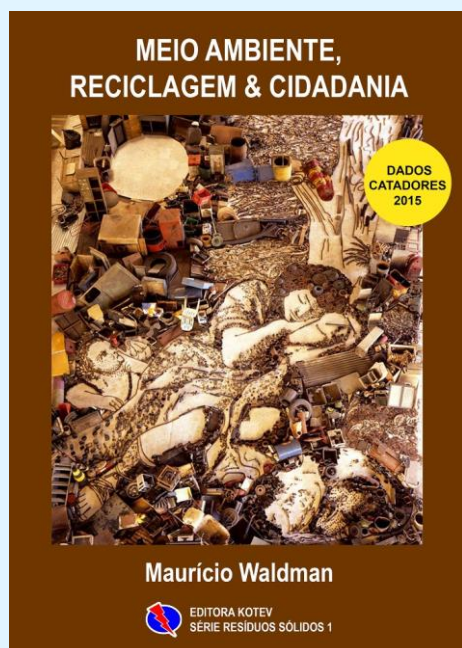
Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE RESÍDUOS SÓLIDOS

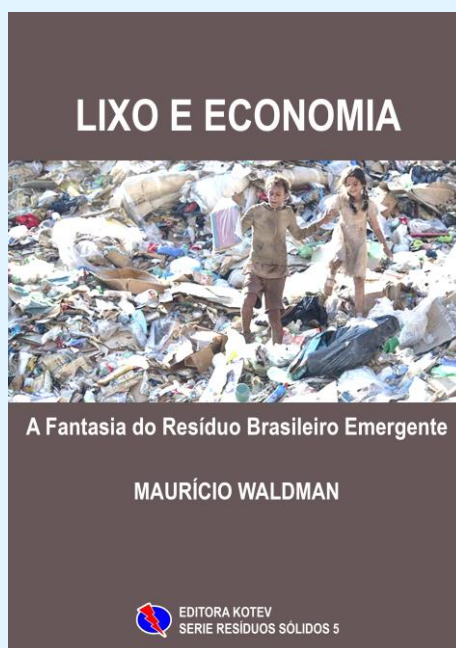


<http://mwtextos.com.br/serie-residuos-solidos/>

TRÊS TÍTULOS DE ACESSO LIVRE NA INTERNET SOBRE RESÍDUOS SÓLIDOS



http://mw.pro.br/mw/residuos_solidos_01.pdf



http://mw.pro.br/mw/residuos_solidos_05.pdf



http://mw.pro.br/mw/residuos_solidos_07.pdf

EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os RESÍDUOS SÓLIDOS são um pilar central na atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital de São Paulo. Saiba mais sobre esta vertente editorial da KOTEV: http://kotev.com.br/?product_cat=lixo